



ANÁLISE REPRESENTACIONAL DO CONTO O PATINHO FEIO

REPRESENTATIONAL ANALYSIS OF THE UGLY DUCKLING TALE

*Jussara Gabriel Santos*¹

RESUMO

No presente artigo pretende-se expor o resultado da análise do significado representacional realizada com o conto “O Patinho Feio” de Christian Andersen (1843) adaptações de Rocha (1999); França & França (s.n.); Morand (1988); Coleção Hora Feliz (s.n.) à luz teórica e metodológica de Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2001, 2003), Resende e Ramalho (2006, 2011) compreendendo o discurso como parte de práticas sociais que possui modos de agir, significado acional, modos de representar, significado representacional, e modos de ser, significado ideacional. A análise de discurso crítica procura resgatar as ideologias subjacentes ao texto, porque desempenham papel decisivo na reprodução e resistência dos sujeitos. Percebe-se, na análise do conto, a veiculação da ideologia racista, influenciando a representação do Patinho ao longo da história; por isso, é importante contextualizar as histórias e questionar o dito nelas, desvelar ideologias, construindo para o que Fairclough (2001) nomeia de consciência linguística crítica.

Palavras-Chave: Análise do discurso crítica. Conto O Patinho Feio. Educação. Significado representacional.

ABSTRACT

This paper intends to show the result of representational meaning of the "The Ugly Duckling " tale by Christian Andersen (1843) adapted by Rocha (1999), França & França (s.n.), Morand (1988), Happy Hour Collection (s.n.), from the point of view of the theoretical and methodological light of Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2001, 2003), Resende e Ramalho (2006, 2011) which comprises the speech as part of social practices that have action manners, actional meaning, ways of representing, representational meaning, and ways of being, ideational meaning. Critical discourse analysis seeks to recover the ideologies underlying the text which, in turn, play a decisive role in reproduction and resistance of the subjects. Realized in the analysis of the story serving the racist ideology, influencing the representation of Duckling throughout history, so it is important to contextualize the stories told and question them, reveal ideologies, building for what Fairclough (2001) calls for linguistic awareness.

Keywords: Critical discourse analysis. The ugly duckling tale. Representational meaning.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. Servidora Pública da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduanda em Tutoria em Educação a Distância pela Universidade Cândido Mendes (RJ).
E-mail: jussaragabrielsantos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado “Análise representacional do conto O Patinho Feio” é parte integrante da pesquisa de iniciação científica da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa faz dialogar a lei 10.639/03, a qual obriga o ensino da História e Cultura Afrobrasileira e Africana nas escolas públicas e particulares, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnicorracial e para o ensino da História e Cultura Afrobrasileira e com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

A construção do *corpus* da pesquisa foi composta pelos textos que as professoras, da rede pública, classificaram como contos e que eram utilizados por elas em sala de aula. A escolha do texto o “O Patinho Feio” para a presente análise se deu por dois motivos: 1) por ser o conto quantitativamente mais registrado no questionário respondido pelas professoras; e, 2) pelo fato de ter sido sempre classificado como conto pelas professoras sujeitos da pesquisa. Foram analisadas quatro adaptações do conto “O Patinho Feio”, a saber: 1) Rocha (1999); 2) França & França (s.n.); 3) Morand (s.n.); e 4) Coleção Hora Feliz (s.n.).

Neste artigo, pretendemos expor os resultados da análise do significado representacional no conto “O Patinho Feio”, entendido como modo de representações de mundo construídas pelo discurso associados aos diferentes relacionamentos sociais. Para alcançarmos nossos objetivos, empregamos os pressupostos metodológicos e analíticos da Análise de Discurso Crítica, doravante ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH 2001, 2003; RESENDE; RAMALHO, 2006) que, compreende o discurso como parte de práticas sociais que possui modos de agir (significado acional), modos de representar (significado representacional) e modos de ser (significado ideacional). A análise de discurso crítica procura resgatar as ideologias subjacentes ao texto que, por sua vez, desempenham papel decisivo na reprodução e resistência dos sujeitos.

Dentre as categorias analíticas do significado representacional escolhemos para análise a categoria analítica representação dos atores sociais. A categoria analítica representação dos atores sociais permite perceber as representações construídas pelo discurso em relação ao ator principal ao longo da história.

Este artigo segue com as seguintes seções: I) Introdução: apresentação geral do artigo; II) Análise do Discurso Crítica (ADC): apresentação da teoria e metodologia ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001, 2003); III) Significado representacional: conceituação do significado representacional; IV) Análise representacional do conto “O Patinho Feio”: exposição da análise do conto “O Patinho Feio”; V) Considerações Finais: pontuações do autor sobre a análise realizada; Notas e Referências.

Em seguida apresentamos a teoria e metodologia ADC de Chouliaraki; Fairclough (1999, 2001, 2003).

ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC)

A Análise do Discurso Crítica (ADC) é uma proposta teórica-metodológica de análise de discurso elaborada pelo linguista britânico Norman Fairclough (1999, 2001, 2003). O autor adota uma abordagem crítica, porque crítico implica mostrar conexões e causas que estão ocultas, ou seja, conexões e causas que estão além do aparente; implica também intervenção – por exemplo, “fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.28).

Segundo Vieira (2002) os estudos da análise de discurso com uma abordagem crítica, objetiva desvelar “o pano de fundo” do discurso, ou seja, o que está encoberto pelo discurso e não é percebido de imediato. A ADC almeja dar visibilidade ao que antes era invisível e naturalizadoⁱ.

Ademais, a Análise do Discurso Crítica estuda particularmente as estratégias de criação de consenso e os mecanismos que exercem poderosa influência sobre o discurso e, acima de tudo, sobre o pensamento, sempre em benefício dos mais poderosos (VAN DIJK, 1997, p.17). A ADC pretende descrever, analisar e interpretar as estruturas de poder e de dominação, bem como a sua reprodução com o fito de revelar o papel do discurso na produção e na reprodução da dominação cujos efeitos permitem diferentes possibilidades de ação individual (VIEIRA, 2002, p.153-4).

Na Análise de Discurso Crítica, procura-se resgatar as ideologias subjacentes ao texto que desempenham papel decisivo na reprodução e resistência dos sujeitos. Sujeitos que são entendidos não apenas como reprodutores de um discurso, mas sujeitos que são construídos e que constroem “processos discursivos com base em seu caráter de ator ideológico” (VIEIRA, 2002, p.148).

Para tanto, a ADC elaborada por Fairclough (1999; 2001), é uma abordagem social e linguisticamente orientada (RESENDE; RAMALHO, 2006) que concebe o discurso situado dentro de um contexto sócio-histórico, levando-nos a considerar na análise discursiva as estruturas sociais que organizam tais discursos e os enunciados produzidos pelos sujeitos sobre essas estruturas tanto para contribuir, como para reproduzir, quanto para transformar. A ADC é uma abordagem linguística, baseada na concepção funcionalista da linguagem – linguagem em uso – e adota a Linguística Sistêmica Funcional (LSF) hallidianaⁱⁱ para a análise linguística e para a comprovação do discurso.

A ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva (RESENDE e RAMALHO, 2006, p.14).

Segundo Fairclough (2001), ao utilizar o termo “discurso”, há uma menção ao uso da linguagem enquanto prática social (econômica, política, cultural, ideológica). Isso consequentemente implica ser o discurso um modo de ação, um modo de representação, uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, constituído e constitutivo socialmente. “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

A Análise de Discurso Crítica em Fairclough (2001) possui uma concepção tridimensional, pois tenta mesclar três tradições analíticas na análise de discurso, a saber: 1) A tradição de análise textual e linguística detalhada na Linguística; 2) A tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais; e 3) A tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como algo produzido e entendido pelos sujeitos viés senso comum.

A análise discursiva proposta pela teoria social do discurso envolve, inicialmente, a descrição e interpretação do texto dentro do contexto situacional mais imediato das práticas discursivas onde ele foi produzido, procurando então explicá-lo dentro do contexto institucional e social mais remoto no qual essas práticas discursivas estão inseridas (FIGUEIREDO, 2001, p. 183).

O modelo tridimensional de Análise de Discurso compreende a análise textual, a análise das práticas discursivas e a análise das práticas sociais. A análise textual diz respeito ao procedimento de descrição linguística. A análise das práticas discursivas se refere às interações dos sujeitos com os textos. E a análise das práticas sociais diz respeito à conjuntura social, política, econômica geral que os textos e as práticas discursivas estão inseridas.

Segundo o arcabouço de Fairclough (2001), a análise textual pode ser organizada em quatro categorias analíticas: 1) Gramática: combinação das orações; 2) Vocabulário: lexicalização, sentidos das palavras e metáfora; 3) Coesão: ligação das orações em frases e das frases nos textos; e 4) Estrutura textual: organização e planejamento dos textos.

As práticas discursivas são entendidas como “processo de produção, distribuição e consumo textual” (FAIRCLOUGH, 2001, p.106-7) e possuem dimensões sociocognitivas peculiares de produção e interpretação. A dimensão sociocognitiva focaliza a interrelação entre os recursos dos membrosⁱⁱⁱ e o próprio texto (FAIRCLOUGH, 2001).

Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre. Um aspecto fundamental do quadro tridimensional para a análise de discurso é a tentativa

de exploração dessas restrições, especialmente a segunda – fazer conexões explanatórias entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares e a natureza das práticas sociais de que fazem parte (FAIRCLOUGH, 2001, p.109).

A análise discursiva pode ser organizada em três categorias analíticas: 1) Força dos enunciados: intensidade que o ato de fala incorpora frente ao contexto de situação, social e sequencial; 2) Coerência: sentido do texto; 3) Intertextualidade: texto mesclado com outros textos.

Fairclough (2001) discute que a prática social tem várias orientações – econômicas, política, cultural, ideológica. Na análise da prática social relaciona o discurso com a ideologia e a hegemonia. Sendo a ideologia entendida como:

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

No processo de construção e significação da realidade, a ideologia se materializa, é internalizada pelos sujeitos e os ‘aparelhos ideológicos do estado’ se constituem como *locus* de lutas ideológicas e hegemônicas, evidenciando o discurso como ideologicamente orientado. Nesse sentido, certos discursos podem estar embutidos de ideologias conduzindo a constituição identitária dos sujeitos.

Os aspectos semânticos que auxiliam na operacionalidade da ideologia, conforme Fairclough (2001) são: 1) Sentidos: os sentidos das palavras são ideológicos; 2) Pressuposições: “proposições que são tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou dadas (p.155)” a fim da manipulação das pessoas; 3) Metáforas: “quando significamos coisas por meio de uma metáfora, e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra, ou seja, estamos particularizando o discurso (p.241)” e 4) Coerência: sentido do discurso como todo.

Concebe a ideologia como estrutural e como eventos. A ideologia é localizada tanto nas estruturas discursivas (ordens do discurso^{iv}) quanto “nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras” (p.119). E afirma: a ideologia “é uma orientação acumulada e naturalizada construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos” (FAIRCLOUGH, 2001, p.119).

A hegemonia é vista como

liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio estável’.

Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meio ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas (FAIRCLOUGH, 2001, p.122).

A partir dessas concepções de hegemonia, Fairclough (2001) estabelece duas relações entre discurso e hegemonia. Primeiramente, que no discurso há lutas hegemônicas em termos de articulação, desarticulação e rearticulação, ou seja, as hegemônias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso – a hegemonia fornece uma matriz e um modelo ao discurso. Em segundo, que o discurso e a prática discursiva são esferas das lutas hegemônicas que contribuem para a reprodução/transformação da ordem de discurso e das relações sociais e assimétricas de poder.

A partir da análise textual, da prática discursiva e da prática social, Fairclough (2001) nos chama a atenção para a Consciência Linguística Crítica (CLC), afirmando que, ao ter consciência do poder da linguagem, podemos lutar por mudanças discursivas e conseqüentemente por mudanças sociais.

No que toca o discurso enquanto construtor de significados, Fairclough (2001) destaca três aspectos dos seus efeitos: 1) construção de identidades sociais; 2) construção das relações sociais; 3) e construção de sistemas de conhecimento e crença. Esses efeitos estão interligados com as três macrofunções da linguagem de Halliday (1985): 1) A função identitária relaciona-se com a construção de identidades sociais no discurso; 2) A função relacional com a construção das relações sociais no discurso; 3) e a função ideacional com a construção de sistemas de conhecimento e crença no discurso.

Segundo Figueiredo (2008), Fairclough (2003) vê os textos como multifuncionais, assim como Halliday (1985), em relação à linguagem; porém, ao contrário de função, postula os diferentes significados criados, reproduzidos ou alterados pelos textos. Desse modo, Fairclough (2003) elabora três principais tipos de significados articulando as macrofunções de Halliday (1985) com os conceitos de gênero, discurso e estilo, que são: o significado acional, o significado representacional e o significado identificional.

O significado acional e gênero concebem a linguagem como um momento de práticas sociais que, dependendo da ordem do discurso, são produzidos e utilizados gêneros discursivos particulares que condizem com o contexto sócio-histórico e cultural da prática – estrutura genérica. Aqui temos a categoria analítica denominada intertextualidade entendida como “a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.65).

O significado identificacional e estilo, relaciona-se à identificação dos atores sociais em textos – discurso sobre identidade. Castells (*apud* Resende; Ramalho, 2006) estabelece três maneiras de construção da identidade: 1) identidade legitimadora inculcada pelas instituições dominantes com a finalidade de legitimar a dominação; 2) identidade de resistência construída pelos atores sociais em desvantagem social como arma de resistência; 3) identidade de projeto construída pelos atores sociais que buscam redefinir o seu papel e transformar a sociedade. As categorias de análise são: i) avaliação: engloba as afirmações avaliativas que possuem uma escala de intensidade, por exemplo, do mais bonito ao mais feio; afirmações com verbos de processo mental afetivo que é uma avaliação subjetiva do objeto; e presunções valorativas que é a identificação do que está ocultado; ii) modalidade: as probabilidades ou obrigatoriedade envolvida no discurso (modalidade epistêmica e deôntica/categórica, objetiva e subjetiva); iii) metáfora: “é compreender uma coisa em termos de outra”(LAKOFF; JOHSON *apud* RESENDE; RAMALHO, 2006, p.86) temos as metáforas conceptuais, orientacionais e ontológicas.

Sobre o significado representacional discoremos na próxima seção.

SIGNIFICADO REPRESENTACIONAL

O significado representacional do discurso é relacionado às representações veiculadas pelo discurso em um determinado contexto sócio-histórico-cultural. A construção de diversos discursos, entendidos como visões e interesses diferentes dentro da esfera social, é resultante dos relacionamentos e posicionamentos adotados pelas pessoas em relação a elas mesmas e ao mundo, ou seja, “diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo e, como tal, ligam-se a campos sociais específicos e a projetos particulares” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.52).

Os discursos se comportam como parte do recurso utilizado para viabilizar as relações sociais, representam o mundo e constroem alternativas diferentes da realidade, ou melhor, “relacionam-se a projetos de mudança do mundo” (RAMALHO; RESENDE, 2006, p.75) segundo as perspectivas particulares de cada ator social. As articulações estabelecidas entre a gama de discursos construídos nas relações sociais configuram-se também de diversas maneiras, ora podem dominar, ora podem competir, ora podem cooperar entre si mesmos.

Para analisar as articulações entre os discursos no significado representacional, utilizamos as categorias analíticas, pois elas sistematizam a pesquisa e contribuem para uma melhor percepção dos traços particulares visíveis e camuflados no discurso, em um determinado contexto social.

'Categorias analíticas' são, portanto, formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter) agir e de identificar (-se) em práticas sociais situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o discurso e o

não discursivo, tendo em vista os seus efeitos sociais (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.112-113).

Temos, enquanto categoria analítica no significado representacional, segundo Ramalho e Resende (2006, 2011): i) a interdiscursividade: articulação de diversos discursos dentro de um mesmo texto – heterogeneidade; ii) a representação de atores sociais: maneiras como os atores sociais são representados em textos; iii) o significado da palavra: forma com que a palavra e o seu significado são empregados; iv) os processos de transitividade: “como o/a locutor/a representa aspectos do mundo (RAMALHO; RESENDE, 2011,p.140)”; v) a estrutura visual: “os modos culturalmente definidos por meio os quais as imagens se articulam em composições visuais” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.140-141).

Para a análise do conto “O Patinho Feio” levando em consideração que não se trata de uma mera leitura e interpretação de texto, mas uma análise sistemática associada a categorias analíticas e pelo objetivo e natureza do trabalho, escolhemos “em consequência do próprio texto das questões e preocupações de pesquisa” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.113) a categoria analítica representações de atores sociais.

Na próxima seção apresentaremos a análise do significado representacional no conto “O Patinho Feio”, utilizando a categoria analítica escolhida, estabelecendo relações entre questões étnicorraciais e discurso no gênero discursivo selecionado.

ANÁLISE REPRESENTACIONAL DO CONTO “O PATINHO FEIO”

Para analisar o significado representacional que, por sua vez, está relacionado com o discurso presente no conto, foi adotada a categoria representação dos atores sociais. Esta categoria enfatiza o personagem principal, para perceber como ao longo do conto sua representação acontece.

A obra “O Patinho Feio” é um dos contos de fadas do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen publicada em 1843. Em suma, o conto fala sobre a história de um filhote de cisne que choca no ninho de uma pata. Por ser diferente de seus irmãos, ele é perseguido, ofendido e maltratado por todos outros animais do campo. Um dia, cansado de tanta humilhação, foge do ninho. Durante sua jornada, ele para em vários lugares, mas é mal recebido em todos. Ele aguenta o frio do inverno e, quando finalmente chega a primavera, ele abre suas asas e se une a um majestoso bando de cisnes, sendo então reconhecido como o mais belo de todos.

Nas versões analisadas do conto, notamos que há uma diferenciação do pato em função de sua aparência física. Em Rocha (1999); Morand (s.n.); Coleção Hora Feliz (s.n.) o tamanho - pois era bem maior que os outros; a sua cor cinzenta ou parda - como em França & França (s.n.) - e também o seu comportamento eram as causas de ser adjetivado como feio.

Um dos patinhos era muito maior que os outros, era meio cinzento e muito desajeitado (ROCHA, 1999, p.4).

Como é grande esse filhote! pensou Dona Pata (MORAND, s.n.t, p.6).

..., até o filhote feio e pardo (FRANÇA; FRANÇA, s.n.t, p.5).

E dele saiu um patinho maior do que todos os outros, mas feio e desajeitado (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.4).

...desajeitado patinho cor de cinza que nasceu por último (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.5).

Estas três características prejudicavam o relacionamento do pato com os outros animais do campo (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n.), da fazenda (FRANÇA; FRANÇA, s.n.); (ROCHA, 1999); ou do lago (MORAND, s.n.). Percebemos que elas eram utilizadas como justificativas para o pato ser vítima de agressões físicas e rejeições do grupo a que pertencia.

As galinhas e os patos o atacavam. Até seus irmãos não paravam de lhe dar bicadas. - Feio, fora daqui! Pato feio! – caçoavam todos (MORAND, s.n., p.9).

E olhem bem aquele pato. Vejam como é feio. Ah!... esse nós não queremos aqui. E uma pata voou para cima do patinho feio e dava bicadas e mais bicadas na cabeça dele (FRANÇA & FRANÇA, s.n.t, p.9).

Mas nisso chegou um pato velho que, olhando para o patinho cinzento, arrepiou as penas e gritou: --- Que patinho feio! É a vergonha da nossa raça (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.5).

Falavam que o patinho era feio, não queriam brincar com ele e até lhe davam bicadas (ROCHA, 1999, p.7).

O pato por “ser diferente” (ROCHA, 1999, p.7) por onde passava não era aceito, porque os outros animais não o viam como parte do grupo, mas sim como um inimigo a ser combatido, por isso tantas agressões. Podemos confirmar, com esse trecho em (FRANÇA; FRANÇA, s.n.t) “..., mas ele é grande e feio, e diferente dos outros, por isso merece umas bicadas” (p.9).

Diante de toda discriminação e violência, o pato escolhe por se esconder e fugir dos outros animais. O ato de fugir e se esconder configuram como respostas, ou seja, saídas para resolver as situações conflituosas que ele vivenciava nos lugares por onde passava.

Vivia se escondendo pelos cantos, para não ser visto e não ser maltratado (ROCHA, 1999, p.7).

Assim o patinho correu, correu e voou por cima da cerca fugindo (FRANÇA; FRANÇA, s.n.t, p.11).

E foi andando, andando, andando, sem destino, com o coraçãozinho cheio de dor e lágrimas nos olhos (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.7).

Um dia, decidiu sair pelo mundo (MORAND, s.n., p.10).

Ao analisarmos quais os aspectos da aparência física do pato que causava a sua exclusão por parte do grupo que pertencia, percebemos que nas entrelinhas traz um discurso discriminatório em relação ao diferente, ou seja, ao que está fora do padrão estabelecido pelo grupo.

A representação do patinho, que mais se destacou ao longo do conto, se dá de maneira negativa e depreciativa. Devido ao seu tamanho e a sua cor cinzenta (adaptação Ruth Rocha; Coleção Hora Feliz e Claude Morand^v) ou parda (adaptação Mary França e Eliardo França) é rejeitado por todos que o conhecem. O diferente não é aceito e sim repudiado por todos.

Porém, quando se consegue atingir a cor branca (no final do conto) é considerado o mais belo dos cisnes (ROCHA, 1999; MORAND, 1988; FRANÇA & FRANÇA, s.n.t), diferentemente da (COLEÇÃO HORA FELIZ (s.n.)) que o patinho, para ficar bonito, não passa por um processo de embranquecimento (SILVA, 2011), mas se torna um formoso cisne negro e o mais elegante de todos.

Era agora um lindo cisne, de longo pescoço e plumagem muito branca (ROCHA, 1999, p.24).

Da mata saíram três maravilhosos cisnes brancos (FRANÇA & FRANÇA, s.n., p.23).

Era a sua imagem refletida ali. Mas não era a imagem de pato feio e pardo. Era um cisne que ele via refletido no espelho da água (FRANÇA & FRANÇA, s.n., p.24).

... Não era mais o patinho cinzento, feio e desajeitado que todos desprezavam, mas um formoso cisne negro (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.14).

Percebemos um subjacente discurso racista entendido como suposição de superioridade de uma raça em relação à outra; nesse caso, a superioridade estética da raça branca em detrimento da raça negra (já que, nas quatro versões, três versões colocam o patinho bonito quando adquire a cor branca). É possível evidenciar tal discurso no seguinte trecho na adaptação:

E os velhos cisnes curvaram suas cabeças ante ele. Ele se sentiu verdadeiramente embaraçado e escondeu a cabeça sob as asas, por não saber o que fazer. Ficou feliz, mas não ficou soberbo. Pensou como tinha sido perseguido e maltratado, e agora ouvia que era a mais bela de todas as aves. Até o sabugueiro inclinava seus ramos ante ele (FRANÇA & FRANÇA, s.n., p.24).

Sobre a questão da superioridade estética da raça branca sobre as demais raças, valemo-nos da afirmação de Silva (2010, p.23):

É sabido, que em sociedades de descendência europeia, com a brasileira, a cor da pele branca foi, ao longo da história, associada a uma situação de privilégio legitimado na crença de uma suposta “superioridade da raça branca”. Obviamente, essa crença fundamentou-se na ideia que os diferentes grupos étnicos brancos da Europa fossem “superiores” aos demais grupos humanos. Isto é, baseava-se na ideia de que existia uma hierarquia que classificava os homens: de um lado, encontravam-se aquela pertencentes “a raça branca hegemônica” (os superiores aos demais, os mais capazes, os mais bonitos,

etc...). Do outro lado diametralmente oposto, estavam as “outras raça inferiores”. Dessa maneira, a 'branquitude' foi sendo internalizada nessa sociedade. Assim, a “brancura” foi constituindo-se como sendo a 'norma', o único modelo de beleza possível. Neste sentido, foram criando-se convenções sobre os padrões de comportamento que deveria se concebidos, socialmente, como 'certos ou errados'. (destaques no original)

Nesse sentido, entendemos que, sutilmente, a ideologia do embranquecimento se estende para o desfecho da história. Temos um padrão a ser seguido, que é o branco, quando este padrão branco consegue ser atingido, o personagem principal consegue aplausos e, também, consegue ser feliz.

-- Um cisne novo! E jovem ainda. É o mais bonito de todos! Os três cisnes mais velhos acolheram com alegria o novo companheiro. E, pela primeira vez, o jovem cisne sentiu-se feliz! (MORAND, s.n., p.20).

Elas bateram palmas e dançaram...; e eles todos disseram: --- O novo, o que chegou, é o mais belo de todos (FRANÇA & FRANÇA, s.n., p.21).

Nunca imaginara tanta felicidade! (COLEÇÃO HORA FELIZ, s.n., p.15).

--- Nunca pensei que pudesse um dia ter tanta felicidade! (ROCHA, 1999, p.22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado representacional é relacionado com o discurso, assim, com a análise do conto “O Patinho Feio” foi possível perceber a presença subjacente do discurso racista, ou seja, a ideologia racista sutilmente é veiculada no conto analisado, que por sua vez, influenciou a representação do Patinho Feio ao longo da história.

A ideologia racista unificou, através da estratégia de padronização, o fenótipo. Ela estabeleceu na história, a cor branca como o padrão único a ser copiado e admirado. O Patinho Feio, por estar fora das características predeterminadas - afinal possuía a cor cinzenta ou parda – é alvo de rejeições em vários momentos ao longo do conto. Sua diferença fenotípica bloqueou a possibilidade de uma relação harmônica com os outros animais, sendo vítima de muitos maus-tratos e causando o seu isolamento.

Para ser considerado um Patinho bonito ou o mais bonito de todos, ou até mesmo, ser feliz, ele precisou se tornar um cisne branco. Esse é o único momento em que o Patinho se sente realizado, ou melhor, quando ele consegue alcançar o padrão estabelecido sente-se compensado por todo o seu sofrimento.

Portanto, o que os contos veiculam é fruto da cultura e ideologia de uma época, incluindo os preconceitos. Por isso, é importante contextualizar as histórias e questionar o dito nelas, desvelar ideologias, construindo para o que Fairclough (2001) nomeia de consciência linguística crítica. É

por meio de análises como essa e pela consciência linguística crítica que podemos contribuir para uma leitura mais crítica.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. **Estado e educação popular na América Latina**. Campinas: Papirus, 1992.

ANDERSEN, C. **O patinho feio**. Adaptação. FRANÇA, Mary; FRANÇA E). S.n.t. 1990

_____. **O patinho feio**. (adaptação MORAND, Claude). São Paulo: Editora Scipione, ed. 1ª. 24 pgs. 1995.

_____. **O patinho feio**. (adaptação de Ruth Rocha). São Paulo: FTD, 1999.

_____. **O patinho feio**. (adaptação Coleção Hora Feliz). S.n.t.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / **Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburg University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Coord. Trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIGUEIREDO, D. C. Discurso, Corpo e identidade: a construção de identidades femininas nas revistas Boa Forma e Corpo a Corpo. In: MOTTA-ROTH, D.; CABANAS, T; HENDGES, G. R. (Org.). **Análises de textos e discursos: relações entre teorias e práticas**. 2. ed. Santa Maria: PPGL – Editores, 2008. V.1.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LIMA, M. C. de. **Discursos e identidades de gênero no contexto da escola**. Tese (Doutorado em Linguística)- Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M. de; RAMALHO, V. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. São Paulo: Pontes, 2011.

NOTAS

ⁱNaturalizar é naturalizado, ou seja, o que foi dissociado dos interesses e da classe ou grupo social particular que o gerou e, conseqüentemente, assumido como senso comum, i. e., como baseado na natureza das coisas ou das pessoas. (FAIRCLOUGH *apud* GOUVEIA, 1997, p. 346).

ⁱⁱ Os estudos funcionalistas têm por objetivo, além de estabelecer princípios gerais relacionados a uso da linguagem, investigar a interface entre as funções e o sistema interno das línguas. A relação entre as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico é, para Halliday (1973), um traço geral da linguagem humana. Halliday registra três macrofunções da linguagem que atuam simultaneamente em textos: ideacional, interpessoal e textual. (RAMALHO & RESENDE, 2006, p.56-57). Fairclough (2003) relaciona as macrofunções de Halliday com o conceito de gênero, discurso e estilo.

ⁱⁱⁱ Os processos de produção e de interpretação de textos pressupõem, por parte de quem os produz ou interpreta, processos discursivos através dos quais as pessoas produzem e interpretam o que é socialmente interiorizado e, portanto, ideologicamente produzido e interiorizado. Esses processos são denominados Recursos dos Membros (RMs). Devido às desigualdades sociais, os RMs também são desigualmente distribuídos, o que contribui para a construção de diferentes práticas sociais e discursivas que revelam diferentes formas de produção, consumo e distribuição de textos. (LIMA, 1997, 2007).

^{iv} Ordem do discurso “é o equilíbrio instável entre as contradições e diferenças na relação das práticas discursivas, fabricado por naturalização do senso comum ideológico e pela hegemonia de grupos sociais particulares, com base no conhecimento letrado, na etnia, no grupo etário, no gênero e na classe social” (Magalhães *apud* LIMA, 1997, 2007).

^v Na adaptação de Morand (s.n.t) a cor do patinho não é explicitada no texto, porém pela ilustração feita por Bernadette Pons é possível perceber a cor cinzenta do Patinho no decorrer da história e no final do conto a sua cor branca.